



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

VIVIANE NUNES DA SILVA

O ENSINO DA HABILIDADE DE *SPEAKING* NAS ESCOLAS PÚBLICAS

**GUARABIRA
2019**

VIVIANE NUNES DA SILVA

O ENSINO DA HABILIDADE DE *SPEAKING* NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Profa. Ma. Ana Carolina Dias da Costa

GUARABIRA - PB
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Viviane Nunes da.
O ensino da habilidade de *speaking* nas escolas públicas [manuscrito] / Viviane Nunes da Silva. - 2019.
27 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Ana Carolina Dias da Costa, Departamento de Letras - CH."
1. Ensino de Inglês. 2. Compreensão Oral. 3. Habilidades Linguísticas. 4. Ensino de Inglês. I. Título
21. ed. CDD 407.1

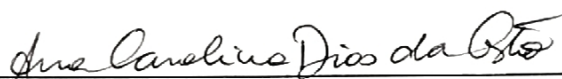
VIVIANE NUNES DA SILVA

O ENSINO DA HABILIDADE DE *SPEAKING* NAS ESCOLAS PÚBLICAS

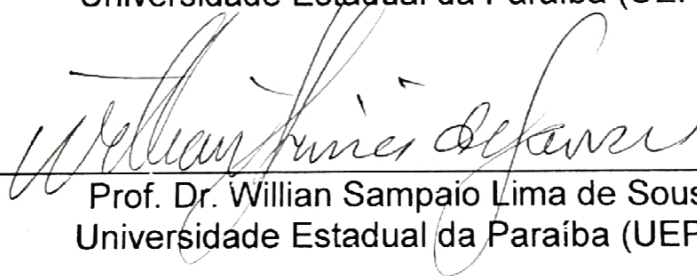
Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovado em: 25/11/2019.

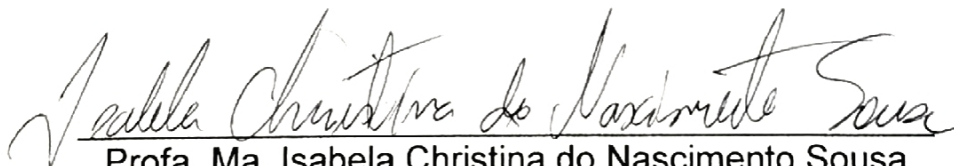
BANCA EXAMINADORA



Profa. ~~Ma~~ Ana Carolina Dias da Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Isabela Christina do Nascimento Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Não fui eu que lhe ordenei? Seja forte e corajoso! Não se apavore, nem se desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar” (Josué, 1:9).

AGRADECIMENTOS

Este trabalho teve a contribuição direta e indireta de pessoas muito especiais, mas agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado saúde e sempre me guiar para os melhores caminhos; agradeço também à minha família, por todo apoio nos momentos mais difíceis, aos meus pais Jurandir Nunes da Silva e Valdecir Ribeiro, por me educarem a sempre seguir o melhor caminho e nunca desistir dos meus sonhos; aos meus irmãos Augusto, Mateus, Vitória, Ruth e à minha irmã Jaiane, por sempre me incentivar nos momentos mais difíceis; aos amigos mais próximos, em especial Arlane, Isabel, José Bruno e Adriano, por todo apoio e paciência; agradeço também, de todo coração, a todos os professores e colaboradores da UEPB, Campus III - Guarabira, que me ajudaram durante todos esses anos de estudos, passando-me todos os ensinamentos necessários para que eu pudesse chegar até aqui; em especial, à minha orientadora, Ana Carolina Dias da Costa, por toda paciência e calma em sempre me orientar de forma brilhante.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 A HABILIDADE DE <i>SPEAKING</i>.....	9
3 AS QUATRO HABILIDADES EM LÍNGUA INGLESA.....	11
4 O ENSINO DE INGLÊS NAS ESCOLAS PÚBLICAS.....	12
5 UM OLHAR SOBRE AS PESQUISAS NA ÁREA.....	15
6 UM OLHAR CRÍTICO SOBRE OS ARTIGOS ANALISADOS	22
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26

O ENSINO DA HABILIDADE DE *SPEAKING* NAS ESCOLAS PÚBLICAS

SPEAKING SKILL TEACHING IN PUBLIC SCHOOLS

Viviane Nunes da Silva*

RESUMO

Este artigo pretende levantar uma discussão acerca da importância da habilidade de *speaking* na sala de aula e tem como objetivo destacar a relevância do trabalho voltado para o desenvolvimento dessa habilidade no ensino de língua inglesa nas escolas públicas. Buscamos verificar através de uma revisão bibliográfica, a partir de pesquisas já realizadas na área, como em Lima; Souza; Luquetti (2014), Gehres; Marzari (2015), Silva; Calvo (2013), e à luz da Linguística Aplicada, refletida nas teorias de Menezes (2012), Harmer (2007), Brown (2007), Nunan (2004), Jalil e Procailo (2009), Vasseur (2010), Nation (2009) e Newton (2009), o modo como se dá o ensino de *speaking* e suas implicações para alunos e professores na escola pública. Observamos questões levantadas através de dados de pesquisa que revelam um cenário de dificuldades no ensino dessa habilidade. Além de situações envolvendo questões estruturais, destacamos, ainda, na discussão, situações envolvendo a formação de professores, a falta de materiais didáticos e o tempo insuficiente de aula para que essa habilidade possa se desenvolver de forma satisfatória.

Palavras-chave: Ensino de inglês. Compreensão oral. Habilidades linguísticas.

ABSTRACT

This article analyzes the importance concerning the following ability: speaking in the classroom and aims to highlight the relevance of the work destined at the development of this ability in the english language teaching in public schools. We search for to verify through a bibliographic review, from research conducted in the area as in Lima; Souza; Luquetti (2014), Gehres; Marzari (2015), Silva; Bald (2013), to light of applied linguistics reflected in the theories of Menezes (2012), Harmer (2007), Brown (2007), Nunan (2004), Jalil and Procail (2009) Vasseur (2010), Nation (2009) and Newton (2009), the way the teaching of speaking and Its implications for students and teachers in the public school. We observed questions raised through research data revealing a scenario of difficulties in teaching this skill. In addition to situations involving structural issues, we also highlight in the discussion situationsinvolving the teacher training, lack of teaching materials, insufficient time so that this skill can develop satisfactorily in the class.

Keywords: English teaching. Listening comprehension. Linguistic abilities.

* Aluna do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III. E-mail: vivi2019123@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Quando aprendemos a falar inglês, as situações se mostram mais fáceis de entender, por exemplo, ouvir uma música, assistir a um filme, ver uma série. Percebemos que a língua inglesa está presente no nosso dia a dia nos aeroportos, supermercados, rodoviárias, nas ruas, nos objetos, produtos e órgãos públicos. O inglês está presente em inúmeros momentos de nosso dia, pois, ao sairmos na rua, deparamo-nos com vários nomes em inglês, que, muitas vezes, por mais que convivamos com isso, ainda não sabemos o real significado daquelas palavras que encontramos por aí nos *outdoors*, nos anúncios de lojas e etc. Isso também acontece com muita frequência quando estamos assistindo TV, diante dos vários comerciais contendo palavras em inglês. Além disso, existem algumas séries televisivas que não são dubladas para o português, forçando-nos a assistir com a ajuda de legendas, seja ela em inglês ou em português. Em virtude dessa necessidade falar inglês tornou-se uma demanda no âmbito escolar.

O ensino da habilidade de *speaking* (fala) em língua inglesa, como língua estrangeira (L2), é de fundamental importância para o aluno, pois é a partir daí que este começa a desenvolver a fala em língua estrangeira, que é uma das habilidades mais importantes a ser desenvolvida no âmbito da comunicação e configura-se como uma das primeiras a que o aluno tem contato em sala de aula.

Nos dias de hoje, o domínio da língua inglesa tornou-se uma necessidade básica, visto que o inglês assumiu o *status* de Língua Franca¹ e vem se tornando um diferencial no currículo. Em relação ao mercado de trabalho, ainda é o idioma mais procurado pelas empresas Multinacionais² e Transnacionais³, que interagem diariamente com os estrangeiros. Outro setor que utiliza a língua inglesa com frequência é o turismo, que recebe clientes de várias partes do mundo e utiliza, com frequência, a língua inglesa para apresentar as cidades aos turistas estrangeiros.

¹ Língua franca ou língua de contato é a língua que um grupo multilíngue de seres humanos intencionalmente adota ou desenvolve para que todos consigam sistematicamente comunicar-se uns com os outros.

² Também conhecida como transnacionais, são empresas que possuem matriz num país e possuem atuação em diversos países. Geralmente, são grandes empresas que instalam filiais em outros países em busca de mercado consumidor, energia, matéria-prima e mão de obra baratas.

³ Correspondem às corporações industriais, comerciais e de prestação de serviços que atuam em distintos territórios dispersos no mundo. Nesse caso, ultrapassam os limites territoriais de seus países de origem.

Especialmente no Brasil, um exemplo é a cidade do Rio de Janeiro, que recebe estrangeiros de diferentes lugares do mundo.

Buscando conjugar as necessidades do uso da língua inglesa no Brasil nos vários cenários em que esse idioma está inserido, voltamos nosso olhar para a habilidade da compreensão oral. Nosso objetivo, no contexto deste artigo, é observar a habilidade de *speaking* (fala) na esfera educacional, dando atenção ao ensino e à aprendizagem de língua estrangeira, mais precisamente. Investigando o ensino da habilidade oral (*speaking*) nas aulas de língua inglesa nas escolas públicas. Buscamos apresentar uma discussão sobre o ensino da habilidade de *speaking* através da discussão de pesquisas já realizadas na área. Apresentamos uma revisão bibliográfica de três pesquisas realizadas por Lima, Souza e Luquetti (2014), intitulada “O ensino da habilidade oral da língua inglesa nas escolas públicas”; Silva e Calvo (2013), com o artigo “Oralidade em língua inglesa na escola pública: desafio para ser discutido e enfrentado”; e Gehres e Marzari (2015), “Ensino de inglês na escola pública e suas possíveis dificuldades”. Para a fundamentação teórica, utilizamos os seguintes autores: Menezes (2012), Harmer (2007), Brown (2007), Nunan (2004), Jalil e Procailo (2009), Vasseur (2010) e Nation (2009) e Newton (2009), artigos quais nos emprestam importantes reflexões sobre a temática.

Quanto ao ensino de língua inglesa, utilizamos as análises dos artigos supracitados e traçamos uma discussão sobre os problemas levantados nos dados das referidas pesquisas, relacionando-os às dificuldades que o ensino da habilidade de *speaking* em língua inglesa como língua estrangeira (L2) enfrenta nas escolas públicas.

2 A HABILIDADE DE SPEAKING

Dentre as habilidades necessárias para se aprender um idioma, a habilidade de *speaking* é considerada fundamental quando pretendemos aprender uma segunda língua. Tal habilidade vem sendo o foco dos estudantes em cursos de língua inglesa e é uma das mais importantes no nosso cotidiano, pois é a primeira a que temos contato quando pretendemos aprender um idioma. Outras habilidades são demandadas, por exemplo, a habilidade de *listening*, que é de grande valia e um desafio aprendê-la, tanto para os professores quanto para os alunos. Porém, em muitas escolas, principalmente as públicas, essa habilidade vem sendo

negligenciada, pelo fato de muitos alunos não direcionarem a atenção devida à disciplina.

Para o aluno atingir a desejada fluência em inglês, ele precisa aprender a lidar e a equilibrar as quatro habilidades linguísticas, que são *listening*, *speaking*, *reading* e *writing*. Dentre as primeiras habilidades a que temos contato quando começamos a estudar inglês está a habilidade de *listening*. Uma possível explicação talvez seja o fato de primeiramente ouvirmos para poder captar os sons das palavras e compreender o que realmente está sendo falado. Além disso, aprendemos a falar a língua materna porque a ouvimos e, dentre as mais frequentes estratégias listadas por aprendizes de línguas estrangeiras, estão ouvir músicas em inglês, assistir a séries e filmes com legendas em inglês.

Ao praticar a habilidade de *speaking*, treinamos a fala, e muitas das estratégias utilizadas para a desenvolvermos envolvem a repetição, leitura atenta à pronúncia das palavras e, principalmente, a interação. Uma vez que a fala envolve práticas reais, interagir assume um papel relevante neste percurso de aprendizagem. Segundo Araújo e Dias (2015), a prática da habilidade de *speaking* é um conjunto de estudos com pelo menos duas habilidades. Nunan (2004) “distingue dois tipos de atividades bastante utilizadas no ensino de línguas: real world [mundo real] ou target tasks [atividades alvo] e pedagogical tasks [atividades pedagógicas]” (NUNAN, 2004, *apud* ARAÚJO; DIAS, 2015, p. 12).

Segundo Brown (2007),

(...) a primeira se refere a atividades baseadas em situações reais de comunicação, a exemplo de uma entrevista, em que o aluno informa seus dados pessoais, enquanto a segunda é utilizada para adquirir conhecimento linguístico ou praticar algumas habilidades e, normalmente, não é encontrada fora da sala de aula, como por exemplo, formar várias frases usando advérbios de frequência (BROWN, 2007, *apud* ARAÚJO; DIAS, 2015, p. 12).

Ao pensarmos sobre o ensino de inglês nas escolas, deparamo-nos com questões relacionadas ao social, ao mundo do trabalho, ao conhecimento de mundo e às várias possibilidades que um segundo idioma pode proporcionar ao aluno. Tais competências são explicitadas nos PCN de língua estrangeira (BRASIL, 1998) quando afirmam que a primeira análise a ser feita é que o ensino de língua estrangeira não parece ser visto como um recurso importante na formação do aluno, uma vez que, eventualmente, essa disciplina não mostra ocupar um lugar

privilegiado no currículo, sendo ensinada, em algumas regiões do Brasil, em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental. Em outras, tem o destaque de uma simples atividade ou complementação de horário para alguns professores e para os alunos, na maioria das vezes, não aponta um caráter de promoção ou reprovação, ou seja, a disciplina não é tão “respeitável” como outras do currículo. Em alguns estados, ainda, a Língua Estrangeira é empregada fora da grade curricular, podendo ser motivo de desprezo e desinteresse por parte dos alunos, estando distante da realidade do aluno, desencorajando ainda mais os estudantes de uma língua estrangeira.

O ensino de inglês nas escolas tem sido essencial para a aprendizagem do aluno, pois, nos dias atuais, é de fundamental importância saber falar e aprender uma segunda língua. Observando a história do ensino de língua inglesa, deparamo-nos com uma infinidade de métodos e abordagens dentro da sala de aula, entre professores e alunos. Métodos de repetição e leitura em voz alta ajudam bastante o aluno a praticar o *speaking* e estimulam o aluno a querer aprender sempre mais e desenvolver melhor a habilidade de *speaking* em sala de aula. Conversas em voz alta entre colegas e professores são de fundamental importância, visto que os diálogos criados e apresentados por eles fazem com que o aluno se adapte melhor ao som das palavras e aprenda junto com o professor e os colegas a desenvolver a fala das palavras de uma forma mais fácil e, assim, alcançando a fluência nas diferentes conversas e diálogos do nosso dia a dia, visto que, diante da grande deficiência dos alunos nas aulas de inglês, ainda existem métodos que podem ser trabalhados com os alunos de uma maneira que eles apreciem cada vez mais a disciplina de L2 e desperte neles um interesse maior pela língua.

3 AS QUATRO HABILIDADES EM LÍNGUA INGLESA

O ensino de língua estrangeira está relacionado às quatro habilidades, sendo elas falar, ouvir, ler e escrever, e, tradicionalmente, nas escolas públicas, elas são ensinadas de forma separada, na maioria das vezes, ou seja, em cada aula é estudada uma habilidade específica, mas nem sempre ocorre dessa forma, há situações em que professores utilizam métodos que integram as quatro habilidades. Em um exercício de *writing*, por exemplo, o aluno, ao escrever um texto em inglês, estará praticando a escrita e a leitura, e, ao ler para a turma, ele estará praticando a

fala e também trabalhando a audição. Sobre a integração das habilidades, Harmer (2007) afirma:

As habilidades produtivas e receptivas completam uma a outra de várias maneiras. O que falamos ou escrevemos é fortemente influenciado pelo que ouvimos e vemos (HARMER, 2007, p. 266, tradução nossa)⁴.

Visto que as habilidades receptivas são a leitura e a compreensão oral quando acontece os diálogos entre os alunos e as habilidades produtivas são as habilidades de fala e escrita quando o professor escreve e, fala ao mesmo tempo. No entanto, alguns professores ainda utilizam apenas uma ou duas habilidades, ignorando as outras e, por esse motivo, muitos alunos saem prejudicados, pois não tiveram a oportunidade de explorar essas habilidades de maneira produtora, desviando, assim, de uma aprendizagem mais completa e efetiva. Nessa perspectiva, Araújo, Dias e Lopes (2015), citando Brown (2007), nos informam que:

‘Apesar da nossa história tratar as quatro habilidades em segmentos separados de um currículo, há uma tendência recente de integração dessas habilidades’. Tal abordagem pretende, por meio da integração das habilidades, desenvolver a competência comunicativa nos estudantes, tendo em vista que foca na comunicação real (ARAÚJO; DIAS; LOPES, 2015, p. 6).

Diante dessa afirmação, podemos perceber que uma habilidade sempre dependerá da outra, pois, por meio da integração das habilidades, os alunos desenvolvem melhor a competência comunicativa, e isso reforça a comunicação real entre eles.

4 O ENSINO DE INGLÊS NAS ESCOLAS PÚBLICAS

A compreensão oral de uma língua está ligada à assimilação da palavra falada e ao entendimento dela, e, dentre as inúmeras questões que envolvem o ensino de língua inglesa no Brasil nas escolas públicas, está a necessidade de enfatizar o ensino da habilidade de *speaking*, uma vez que possibilita uma interação mais real entre os aprendizes.

⁴ “Receptive and productive skills feed each other in a number of ways. What we say or write is heavily influenced by what we hear and see”.

Os textos orais proporcionam o conhecimento dos padrões de interação social, ou seja, é preciso ouvir para encontrar sentido naquilo que foi ouvido, extraindo, assim, as informações necessárias. Enquanto os falantes esperam atingir suas metas comunicativas, os ouvintes ficam na expectativa em relação ao discurso que será proferido. Com a contribuição dos falantes, os ouvintes projetam seus conhecimentos e constroem significados em torno da aprendizagem. Porém, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, nem toda comunicação oral será recíproca:

Isso não quer dizer, no entanto, que toda comunicação oral seja sempre recíproca, pois há casos, como em uma conferência ou em uma aula expositiva, em que não há uma interação recíproca nem uma troca de turnos. O que existe é a preocupação do falante com aquilo que vai ser dito, com a organização do texto, com os vários níveis de organização lingüística e com as expectativas dos ouvintes para facilitar a compreensão da informação. Assim, embora os participantes estejam engajados com o que está ocorrendo, não há uma participação ativa no processo interacional, uma vez que não podem intervir diretamente na situação comunicativa (BRASIL, 1998, p. 94).

Comentando sobre o *speaking*, Jalil e Procailo (2009) argumentam, de modo geral, que

(...) um dos objetivos dessa estratégia é o de passar o conhecimento sobre a língua, e a gramática assume um papel normativo, sendo ela um dos focos centrais das aulas. Para que os alunos possam ganhar conhecimento das regras gramaticais, grandes trabalhos como a memorização são produzidos na forma de exercícios estruturalistas de transição ou repetição. As estruturas são trabalhadas de forma conclusiva, ou seja, o professor explica as regras e os alunos aplicam as regras através de exercícios gramaticais tradicionais (JALIL; PROCAILO, 2009, p. 776).

Segundo Vasseur (2010), a língua é como uma teia de hábitos, e como um jogo de instituições entre estímulos e reações/respostas determinadas pelo reforço em uma situação social. O ensino/aprendizagem de uma língua é classificado como um processo mecânico de formação de normas com a ajuda de estímulos e de respostas visuais e sonoras “como por exemplo, as frases de uma conversa e as imagens correspondentes em um manual ou tela” (VASSEUR, 2010, p. 86).

Para colocar em prática a fala em sala, o professor precisa levar atividades atrativas e lúdicas, que estimulem o aluno a praticar o *speaking* com frequência. Atividades de *speaking*, como conversas da vida real, do nosso cotidiano, dão a

oportunidade de o aluno desenvolver o idioma de uma maneira mais fácil de trabalhar também a comunicação real. Deixar que os alunos criem diálogos em situações interativas e debatam em sala são estímulos ao aprendizado individual. Ademais, outras habilidades podem ser integradas a essas práticas, tal como a habilidade de *Writing* ou *Reading*, dependendo da tarefa solicitada.

O uso de *speaking* em sala de aula pode ser considerado um trabalho desafiador para os professores, pelo fato de que alguns alunos não são fluentes e, além disso, apresentam dificuldades no aprendizado de língua inglesa. Outro ponto a ser discutido sobre o ensino de língua inglesa nas escolas é a questão das condições de trabalho dos professores. Muitos sentem grande dificuldade em planejar e executar aulas de acordo com o Plano de Curso, devido à carga horária bastante reduzida, se comparada às demais disciplinas, e, na maioria dos casos, o número de alunos em sala é muito grande, o que dificulta ainda mais o ensino e a aprendizagem dos alunos, especialmente na habilidade de *speaking*.

Nem sempre o professor trabalha com a oralidade em sala de aula, e, muitas vezes, as atividades que eles trabalham não fazem com que o aluno desenvolva suas habilidades de forma adequada, pois a comunicação entre eles é quase sempre em português, mesmo com acesso às tecnologias que existem em nosso meio e com a facilidade de acesso a várias mídias, ainda assim, os alunos sentem muita dificuldade ao desenvolver uma atividade de *speaking* ou *listening* em sala de aula, que acabam não apresentando o resultado esperado. Com base nisso, Menezes (2012), comentando os estudos de Nation (2009) e Newton (2009) argumenta que:

(...) apesar dos estudantes gastarem mais de 50% do tempo em sala de aula com a compreensão oral, essa habilidade é a mais negligenciada. Durante um bom tempo as desculpas foram à falta de equipamentos e o preço do material importado, mas, mesmo hoje, com a facilidade de acesso a várias mídias de áudio e vídeo, a compreensão continua pouco prestigiada (MENEZES, 2012, p. 108).

A dificuldade dos alunos é perceptível quando o professor tenta trabalhar alguma atividade oral em sala, uma vez que a maioria deles não sabe pronunciar corretamente as palavras em inglês, pelo fato de estarem acostumados a observar o professor ministrando as aulas de inglês em português, ou, até mesmo, por questões de ansiedade ou insegurança, as palavras mais simples tornam-se difíceis

para pronunciar, visto que os professores não proporcionam situações de interação em suas aulas.

Para Callegari (2006), é possível que Krashen tenha esclarecido o que muitos de nós, como alunos e professores de línguas estrangeiras frequentemente notamos: E por língua estrangeira entendemos que é aquela língua ensinada em contextos escolares, em países cujo a língua materna seja diferente da língua alvo. Aprendizes que estão concentrados num ambiente onde a língua estrangeira é falada diariamente e que têm necessidades reais de comunicação desenvolvem as habilidades de aprendizagem de forma mais rápida e eficiente. Um exemplo são os alunos que fazem intercâmbio e aprendem, desse modo, a língua com mais rapidez e fluência do que quem a estuda em um país onde a língua-alvo é a L2 desses aprendizes. Também é notório que apenas o estudo dos aspectos formais de uma língua não resulta em uma competência comunicativa global, daí o fracasso atual de metodologias voltadas apenas à gramática e à tradução quando se pretende, com elas, atingir tal conhecimento. Concordamos que muitas das regras que aprendemos e sabemos “de cor”, por vezes, não são utilizadas no momento da produção de textos (orais ou escritos) em língua estrangeira (CALLEGARI, 2006, p. 89).

Em épocas passadas, os estudantes tinham mais dificuldade em aprender a linguagem oral, pois os materiais eram de difícil acesso e a falta de equipamento era uma realidade, quaisquer materiais eram caros e inacessíveis, porém hoje tudo se tornou mais fácil, com as novas tecnologias, apesar de que no século XXI ainda enfrentamos problemas como a falta de materiais e equipamentos em muitas escolas, dificultando, assim, a execução das aulas.

Apresentaremos na seção a seguir, uma revisão bibliográfica de pesquisas mais recentes realizadas no Brasil sobre o ensino de *speaking* nas escolas públicas e suas implicações não somente para os professores e alunos, mas também para a pesquisa e ensino de língua estrangeira (LI) no Brasil.

5 UM OLHAR SOBRE AS PESQUISAS NA ÁREA

Traçando um panorama sobre as pesquisas concernentes ao desenvolvimento das habilidades orais em contexto de ensino em escola pública, observamos a frequente preocupação em discutir e analisar os elementos que subjazem a essa questão. Observamos no artigo “O ensino da habilidade oral da

língua inglesa nas escolas públicas” (LIMA; SOUZA; LUQUETTI, 2014) a realização de uma pesquisa quanti-qualitativa, bem como a análise dos dados apresentados a partir de um questionário respondido por alunos de rede estadual. Alguns dos questionamentos propostos na investigação perpassam por perguntas tais como: O professor de língua inglesa trabalha a oralidade na sala de aula? Você se sente preparado para comunicar-se utilizando a língua inglesa?

Dentre os resultados obtidos nessa pesquisa, observamos certas limitações no ensino da disciplina de língua inglesa. Em grande parte, essas dificuldades são reflexos de aspectos tais como a falta de professores preparados, materiais didáticos eficazes, carga horária das aulas bastante reduzida, ao contrário da jornada enfrentada pelos professores, que, na maioria dos casos, torna-se longa e cansativa, podendo ser uma das causas de desmotivação mútua entre alunos e professores.

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual do ensino médio na cidade de Itabapoana, no estado do Rio de Janeiro, na qual cinquenta e seis alunos da 1ª série do Ensino Médio responderam um questionário contendo seis questões objetivas. Os resultados apontaram que 70% dos alunos reconheceram que a habilidade oral é trabalhada em sala de aula, contudo, os dados apontaram que os alunos ainda não se sentiam preparados para a comunicação efetiva utilizando a língua inglesa. Sobre esse panorama, Silva e Calvo (2013) destacam:

Verifica-se, então, que as dificuldades que são vivenciadas na sala de aula, para o ensino desta disciplina, já foram partilhadas por muitos professores, no transcorrer do tempo, e embora muitos estudiosos tenham discutido a respeito, leis tenham sido promulgadas, ainda há um longo caminho a ser trilhado para o ensino e aprendizagem da referida língua com resultados satisfatórios (SILVA; CALVO, 2013, p. 03).

Os resultados da pesquisa delinearão um cenário de obstáculos a serem vencidos. A última pergunta, um questionamento com respostas subjetivas, refletiu a percepção de que 85% de alunos acreditam no muito que ainda pode ser feito nas aulas de língua inglesa. A pergunta de número 3 solicitava que os alunos indicassem o que o professor de língua inglesa utiliza em sala de aula, as respostas apontaram que 100% dos alunos confirmam que o professor utilizava atividades escritas em suas aulas, apenas 32% responderam que o docente realizava atividades orais e 30% afirmaram que o professor fazia repetições orais, ou seja, os dados indicam

que o uso da habilidade oral ainda não é explorado em sala de aula em proporção de igualdade com as outras habilidades. O ensino da produção oral tem se tornado exponencialmente importante, não apenas objetivando a exatidão da pronúncia, através da aplicação de atividades de memorização e repetição de frases, mas com a realização de atividades de comunicação, em que o aluno possa desenvolver uma interação com o professor e com os outros colegas. No questionamento quatro, foi perguntado aos alunos se eles gostavam da didática apresentada pelo professor. As repostas mostraram que 86% afirmaram que sim.

A quinta pergunta questionou quais eram as habilidades mais importantes a serem aprendidas, 80% dos alunos afirmaram que o *speaking* é uma das habilidades mais importante. Os alunos perceberam que falar o idioma tem seu grau de importância e faz diferença no aprendizado do idioma.

Em relação à utilização de atividades para praticar a produção oral, os resultados apontaram o seguinte quadro: 69% dos alunos afirmaram que a linguagem oral é utilizada nas aulas, entretanto, os dados também mostraram que apenas 30% dos alunos reconheciam que o professor utiliza atividades orais durante as aulas.

A última pergunta, de caráter subjetivo, questionou se o aluno gostaria de fazer alguma consideração final e pessoal sobre as aulas de língua inglesa. As respostas dos discentes indicaram que eles, além de manifestarem fortes expectativas sobre as aulas de língua estrangeira, gostariam que durante as aulas as habilidades orais fossem mais exploradas. Em relação a essa temática, Silva e Calvo (2013) discorrem:

Em se tratando da fala, sabemos que ela é o meio de comunicação mais utilizado pelos grupos sociais, portanto, não há como ignorar a importância de sua aprendizagem por nossos alunos, que se sentem muitas vezes desmotivados por não dominarem a habilidade oral, em língua inglesa, ao término de vários anos de estudo (SILVA; CALVO, 2013, p. 06).

A pesquisa realizada por Silva e Calvo, em 2013, intitulada “Oralidade em língua inglesa na escola pública: desafio para ser discutido e enfrentado”, buscou analisar e descrever ações desenvolvidas durante a aplicação de um projeto em 2013, produzido pelo Programa de Desenvolvimento Educacional, destinado aos alunos do 1º ano do ensino Médio, do Colégio Estadual São Vicente de Paula, no município de Nova Esperança, no estado do Paraná, no 1º semestre de 2014.

Durante o projeto, foi desenvolvido um caderno pedagógico, composto por atividades que motivavam o aluno no tocante à comunicação e à aprendizagem em língua inglesa.

As atividades propostas tinham o objetivo de facilitar a aprendizagem dos alunos, apresentando-se, assim, de maneira mais simples e viável, objetivando a inclusão nos planos de trabalho dos docentes de forma prática. Sendo assim, o produto final foi estruturado em duas unidades didáticas orientadas por gêneros textuais e temas que se relacionavam. Em relação à implementação, foi feita uma breve apresentação do projeto escolar, durante a semana pedagógica que costuma iniciar o ano letivo. Foi realizada uma exposição oral direcionada aos alunos do 1º ano, com explicações de como seria feita a aplicação do caderno pedagógico.

Nas primeiras atividades, constatou-se a resistência dos alunos em usar a língua inglesa em sala de aula, devido à timidez, à falta de hábito ou por medo de errar e serem julgados pelos colegas. As pesquisadoras Salete da Silva e Luciana Cabrini Simões Calvo (2013) argumentaram também que a falta de vocabulário e do domínio básico da língua dificultou muito o trabalho com a oralidade. Porém as autoras da pesquisa puderam observar, depois de muita persistência e boa motivação, que, aos poucos, os alunos foram capazes de se comunicar em inglês durante as atividades propostas, eles responderam a perguntas elaboradas pelas pesquisadoras utilizando os comandos que comumente foram usados em sala de aula e que foram postos em um cartaz na parede da sala no início da implementação do projeto.

Como conclusão da primeira unidade, foi realizada uma encenação e todos os discentes da turma do 1º ano do ensino médio participaram e gostaram da atividade, inclusive, alguns memorizaram algumas partes do texto que acharam divertidas. Dessa forma, a professora pôde observar que eles estavam relaxando, soltando-se aos poucos durante as práticas, sem receio de serem julgados pelos colegas, o que resultou em um melhor rendimento na maior parte das aulas. Também foi improvisado um jogo de mímica e um bingo de numerais, uma vez que tais atividades não constavam no caderno pedagógico. Tais jogos objetivavam despertar novamente o interesse e a motivação do aluno e evitar a dispersão, uma estratégia que acabou dando certo.

As pesquisadoras relataram sobre a participação dos alunos na atividade final da unidade 1, na qual foi feita uma produção escrita de um diálogo, seguido de uma

encenação. Dos cinco grupos de trabalho, apenas dois grupos foram rápidos na criação do texto e dois tiveram mais dificuldades na tradução para o inglês, já o quinto grupo não conseguiu criar o diálogo, abrindo oportunidade para a professora ajudar na estruturação do texto em inglês junto aos alunos.

Outra dificuldade observada pela professora, durante a implementação das atividades, diz respeito ao uso dos laboratórios de informática, pois, muitas vezes, não podem ser utilizados, ou porque não estão disponíveis ou por não estarem funcionando adequadamente. Tal situação foi exemplificada pela professora na situação em que se deparou com a necessidade de demonstrar aos alunos como funcionava o Google Tradutor e o *High Speaker* como recursos disponíveis que podiam ajudar os alunos na tradução de textos e treino da pronúncia.

Em relação ao uso da língua oral, a professora mesclou inglês e português durante as aulas para ter certeza de que estava sendo compreendida. Já na atividade final, na unidade 2, foi realizada uma produção de texto com apresentação informal, individualmente. Constatou-se que maior parte dos alunos teve bastante facilidade para realizá-la, sendo que eles tiveram grande prazer em falar sobre si mesmos, descrever seus gostos, hábitos e ações rotineiras, com exceção de três alunos, que não estavam presentes na sala. Ainda, todos os alunos foram filmados fazendo a leitura de seus textos e os vídeos foram apresentados em *datashow* para toda a turma durante a aula. Eles adoraram assistir aos vídeos cujos personagens eram eles mesmos e, o que é melhor, falando inglês. Na apresentação final dos alunos, alguns deles apresentaram ótima pronúncia, a maioria foi bastante razoável e apenas cinco dos alunos mostraram bastante dificuldade, necessitando do auxílio da professora. Sobre a participação efetiva do aluno em sala, Menezes (2012) destaca que:

Os estudantes reclamam que as aulas são cansativas e que, ano após ano, os professores ensinam a mesma coisa. Os alunos querem falar inglês e esperam usar a língua não apenas para interagir com estrangeiros no Brasil, mas para viajar e conseguir um bom emprego (MENEZES, 2012, p. 118).

De acordo com os participantes do projeto, a problemática que foi levantada configurou-se como uma preocupação inerente à maioria dos professores. Segundo eles, uma das dificuldades que se apresentou para o ensino da disciplina foi a falta de compreensão do aluno sobre a importância de aprender um segundo idioma. Na

maioria das vezes, os argumentos do professor nem sempre são capazes de convencê-los, visto que a própria escola desvaloriza a disciplina. Foi notório que as atividades de leitura e escrita foram bem aceitas pelos alunos, porém, quando se trata das habilidades de audição e oralidade, torna-se perceptível a resistência dos alunos, fato que pode ser claramente percebido. Com isso, Menezes (2012), corroborando o posicionamento de Nation (2009), afirma:

‘quando alguns professores e alunos reclamam sobre as dificuldades com a fala, eles estão, geralmente, falando sobre pronúncia’. De fato, a pronúncia é uma grande dificuldade, principalmente para aqueles que têm pouca exposição ao idioma e, por isso, ela precisa ser trabalhada em sala de aula (MENEZES, 2012, p. 132).

O questionário com perguntas objetivas foi aplicado com 23 alunos, dos 26 que estavam matriculados na turma do 1º ano do ensino médio. Em relação aos conteúdos que foram trabalhados durante o projeto, observou-se que 69,5% consideraram relevantes para a aprendizagem da língua inglesa. Sobre o material que foi aplicado na segunda unidade, 52,17% apontaram como ótimo e 47,82% como bom. Quanto ao domínio do conteúdo e à capacidade da professora em torná-lo acessível, na questão 4, 69,56% dos alunos acreditam que o objetivo foi atingido totalmente e 30,43% apontaram que foi parcialmente.

As respostas das questões 3 e 9 apontaram que as pesquisadoras e autoras das perguntas conseguiram provocar uma aprendizagem mais efetiva, trazendo avanços significativos para a turma. A questão 5 indagou sobre quais atividades os alunos gostaram mais de realizar e 39,1% escolheram atividades escritas; 52,1% optaram por atividades orais; 43,4% optaram por exibição de vídeos; e 30,4% preferiram as produções de texto.

Outro dado importante foram as respostas sobre a continuação das atividades desse projeto, quando foi perguntado aos alunos se eles gostariam de continuar aprendendo com as mesmas metodologias e abordagens e 91,3% responderam que “sim”. Sobre as dificuldades encontradas durante as aulas de inglês, foram apresentadas 4 opções de respostas e 8,6% optaram por falta de pré-conhecimento referente ao vocabulário e ao uso de estruturas gramaticais e da língua oral; 47,8% escolheram a indisciplina, as brincadeiras, a falta de interesse, atenção e dedicação por parte dos alunos; 17,3% assinalaram as duas respostas anteriores em conjunto;

4,3% optaram por mencionar a carga horária insuficiente para o aprendizado de uma língua estrangeira.

Quanto aos resultados sobre o entendimento da competência oral, 60% responderam que houve uma aprendizagem mais efetiva e 37,7% dos alunos observaram positivamente que atividades com música são melhores, já 8,69% sugeriram que o trabalho com filmes aumenta o interesse pela aula; 17,39% aprovaram a forma como as aulas estão sendo ministradas; 4,3% fizeram questão de enfatizar que o ensino da professora foi maravilhoso. Foi possível perceber, a partir dos dados, que os alunos perceberam suas dificuldades e avanços, e demonstraram suas preferências de aprendizagem.

Ainda analisando trabalhos relacionados às dificuldades encontradas no ensino da habilidade de *speaking*, no artigo “Ensino de inglês na escola pública e suas possíveis dificuldades”, de Gehres e Marzari (2015), temos uma visão sobre os problemas relacionados ao material didático de língua inglesa utilizados na educação básica da escola pública, mais especificamente, no ensino fundamental, por alunos do 6º e 5º anos de uma escola estadual. Para a realização do estudo, as autoras realizaram uma pesquisa bibliográfica, seguida de análises de livros didáticos, com o objetivo de fazer um levantamento de possíveis dificuldades referentes ao ensino da língua inglesa na educação básica. A análise dos livros teve como propósito investigar se havia propostas para o desenvolvimento das quatro habilidades em língua inglesa e de que forma essas propostas contemplavam tais habilidades.

O primeiro livro analisado foi o *Links*, adotado pelo 6º ano do ensino fundamental. Este exemplar está subdividido em 10 unidades: *Grammar*, *Vocabulary* e *Communication*. O livro contém atividades de *listening* e *speaking* logo no início da unidade, subsidiando o vocabulário para que o aluno se apresente oralmente diante da turma. Gehres e Marzari (2015) comentam que, por ser um livro classificado como nível básico, as habilidades não são muito exploratórias para o aluno, o que é possível identificar nas questões de *reading*, representadas por pequenos textos com enunciados curtos. Elas reportam que os textos são seguidos de exercícios de múltipla escolha e de perguntas para serem respondidas em língua inglesa, explorando a habilidade de *writing*. As autoras argumentaram, ainda, que o livro permite ao aluno aprender e ampliar seu vocabulário, pois há um glossário com palavras novas a serem trabalhadas por eles, além disso, no final do livro, são

apresentadas atividades extras, que se destinam a interpretação de textos e revisão por meio de exercícios que são considerados básicos, de modo que o aluno possa praticar o que já aprendeu, sustentando seu conhecimento na língua-alvo. Dessa forma Menezes (2012) nos destaca que:

Acreditar que um aluno aprenderá tudo o que precisa para expressar-se bem em uma língua estrangeira em sala de aula é impossível. Assim, tanto professor como alunos devem saber que seus papéis em sala de aula são limitados - o professor não pode ensinar tudo e o aluno não deve esperar que através do professor se aprenda tudo. Ele deve ser incentivado desde cedo a buscar suas próprias soluções e desenvolver ações que o façam avançar em seu desempenho como aluno (MENEZES, 2012, p. 40).

O segundo livro analisado, *Extreme*, foi adotado pela 5ª e 6ª séries do ensino fundamental e encontra-se dividido em onze unidades, subdividas em: *Grammar*, *Vocabulary* e *Pronunciation*, *Communication*, *Sociocultural* e *Learning skills* e contempla exercícios de nível básico para trabalhar números, apresentações pessoais, comidas, vestuário, entre outros tópicos. Gehres e Marzari (2015) relatam que a grande maioria dos exercícios prevê a utilização do CD de áudio, que está anexado ao livro, e, apesar de ser um ótimo recurso, as atividades não contemplam os textos apresentados no livro, desse modo, não contribuem efetivamente para a atividade de *listening*. As habilidades de *speaking* e *writing* também não são bastante exploradas por meio de diálogos entre pessoas. As autoras descrevem um aspecto positivo do livro, que é um anexo, uma espécie de *workbook*, com atividades extras para os alunos.

Concluindo a análise, elas complementam que, embora os livros atendam, em grande parte, aos aspectos previamente elencados para fins de análise, os professores devem sempre buscar subsídios em materiais didáticos diversificados, a fim de que haja um ensino eficaz e que, independente do idioma a ser ensinado, por mais completo que seja o livro didático, eles jamais atenderão a todas as necessidades dos alunos. Com isso, Gehres e Marzari (2015) encerram afirmando que o interesse pela aprendizagem de uma língua está relacionado à diversidade de insumos que o professor coloca à disposição dos alunos, ao fazer uma seleção vasta e criteriosa de materiais didáticos atrativos e pedagogicamente adequados.

6 UM OLHAR CRÍTICO SOBRE OS ARTIGOS ANALISADOS

A partir das análises realizadas, podemos observar que o ensino de língua inglesa nas escolas públicas está sujeito às causalidades e enfrenta muitas dificuldades para que aconteça. A falta de um planejamento efetivo, problemas estruturais e professores com cargas horárias abarrotadas, que, muitas vezes, não receberam uma preparação sólida para ministrar a disciplina, tornam-se elementos dificultosos na relação de ensino e aprendizagem. Percebemos, através dos textos analisados, que muitos professores ainda utilizam o método tradicional de ensino, baseado em quadro e caderno, facilitando apenas a prática das habilidades de *reading* e *writing*, relegando as habilidades de *listening* e *speaking* a um espaço de inferioridade no ensino, o que pode desestimular o aluno. Sobre tais questões, Menezes (2012) destaca que:

Nessa mesma linha, Brown (2002) reconhece que os métodos são muito impositivos e prescritos, e que as abordagens podem variar de professor para professor. O autor enumera dez questões que acredita serem essências para nortear as escolhas metodológicas do professor. Dentre elas está a importância de nos perguntar se nossas práticas pedagógicas atendem aos interesses dos alunos, se elas são relevantes para sua vida, se apresentam desafios interessantes, se dão escolhas aos aprendizes e contribuem para sua autonomia e, ainda, se incluem o feedback do professor e/ou dos colegas (MENEZES, 2012, p. 35).

Outro fator citado nos trabalhos analisados foi a questão do uso das tecnologias em sala de aula. Muitas escolas ainda não têm estrutura e equipamentos necessários para a realização da aula de inglês dentro das necessidades do mundo globalizado, o que dificulta ainda mais a execução das mesmas, pois o uso de *datashow*, de vídeos nas mídias digitais, das redes sociais com fins pedagógicos e de sites educativos, entre outros dispositivos, são de fundamental importância para o andamento de atividades lúdicas e dinâmicas que facilitem a prática das habilidades de *listening* e *speaking*, tornando a aula mais produtiva, atrativa e dinâmica. Com isso, Araújo, Dias e Lopes (2015) destacam que:

Tradicionalmente, o ensino de Inglês nas escolas públicas tem tido como foco o estudo de regras gramaticais e de apenas uma das habilidades linguísticas, a leitura. O privilégio desta habilidade em detrimento das outras é justificado pela orientação dos documentos oficiais, como os PCNs (1998). Porém, sabe-se que aprender efetivamente uma língua estrangeira significa ser apto a comunicar-se através desta. O aluno só se torna comunicativamente competente quando consegue se comunicar oral e verbalmente de maneira apropriada (ARAÚJO; DIAS; LOPES, 2015, p. 03).

Segundo os autores, as escolas têm tido como foco apenas o estudo de regras gramaticais e o uso de apenas uma das habilidades em destaque, que é a leitura, porém, destacam, também, que aprender efetivamente uma língua estrangeira significa ser apto a comunicar-se através dela. O aluno só se torna comunicativamente competente quando consegue se comunicar de maneira apropriada oral e verbalmente.

Constatamos, ainda, que o despreparo de alguns professores reflete muito na realidade do ensino da disciplina de língua inglesa nas escolas públicas. A carga horária reduzida também é um fator de desestabilização, sem contar os materiais didáticos, que são bastante ineficazes e, às vezes, inexistentes no ensino da língua inglesa.

Harmer (2007) destaca:

Quando estamos envolvidos em uma conversa, somos fadados a ouvir, bem como a falar (...). Palestras frequentemente contam com notas que foram escritas previamente, e as pessoas que assistem à palestras, muitas vezes, escrevem notas por conta própria. Mesmo a leitura, geralmente considerada como uma atividade privada, geralmente, provoca conversa e comentário (HARMER, 2007, p. 265, tradução nossa)⁵.

Ou seja, quando estamos envolvidos em uma conversa, falamos e ouvimos outras pessoas ao mesmo tempo, e, assim, particamos o *speaking* e o *listening* ao mesmo tempo. Sobre tais questões, Nunan e Miller (1995) apontam que:

a compreensão oral é essencial não apenas como uma habilidade receptiva, mas também para o desenvolvimento da proficiência da língua falada (NUNAN; MILLER, 1995, *apud* MENEZES, 2012, p. 109).

A porcentagem de alunos em uma das pesquisas aqui reportadas mostrou que a utilização de atividades escritas pelo professor em sala de aula foi de 100% e apenas 32% afirmaram que o professor utilizava atividades orais, seguido de 30% deles que afirmaram que o docente fazia repetições orais, ou seja, os dados indicam que a habilidade oral ainda é um desafio a ser trabalhado em sala de aula, tanto para os professores como para os alunos.

⁵ "When we are engaged in conversation, we are bound to listen as well as speak (...). Lectures frequently rely on notes they have written previously, and people listening to lectures often write notes on their own. Even reading, generally thought of as a private activity, often provokes conversation and comment".

No terceiro artigo analisado, as autoras falam sobre os problemas enfrentados em relação aos materiais didáticos de língua estrangeira utilizados na educação básica do ensino fundamental. Essa pesquisa teve como propósito investigar se havia propostas que contemplavam as quatro habilidades para o desenvolvimento em sala de aula e também serviu para fazer um levantamento sobre possíveis dificuldades no ensino da língua inglesa na educação básica. Foi visto que o primeiro livro continha atividades de *listening* e *speaking* logo no início da unidade, subsidiando o vocabulário para que o aluno se apresente oralmente diante da turma. Porém, as autoras comentam que, por ser um livro de nível básico, as habilidades não são muito exploratórias para os alunos. No segundo livro analisado, as autoras relatam que a grande maioria das atividades utilizam o CD de áudio, que está anexado ao livro, porém os exercícios não contemplam os textos apresentados no livro, desse modo, não contribui para a atividade de *listening* e as habilidades de *speaking* e *writing* também não são exploradas, o único aspecto positivo desse livro é que existe um anexo, uma espécie de *workbook*, com atividades extras para os alunos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar quais são as dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos durante as aulas de inglês no dia a dia das escolas públicas. Nossa pesquisa objetivou levantar os possíveis problemas que ocasionam o desinteresse dos alunos pela disciplina e aprendizagem da língua inglesa, o que provoca uma grande insatisfação por parte dos professores, visto que grande parte do desinteresse surge pela falta de materiais apropriados para o uso no ensino de uma L2 nas escolas, bem como pela falta de equipamentos que poderiam auxiliar os alunos nas possíveis atividades aplicadas pelos professores.

A habilidade de *speaking* é de grande relevância para o ensino de L2, especialmente em se tratando de ensino nas escolas públicas, uma vez que os alunos demonstram muitas dificuldades em relação a tal disciplina, em consequência de vários fatores que influenciam o ensino de inglês nas escolas. Dentre as várias dificuldades encontradas, estão aulas com a carga horária insuficiente, materiais que não contemplam as necessidades dos alunos, falta de materiais para alunos e

professores, o que, muitas vezes, resulta em situações que dificultam ou até mesmo inviabilizam as aulas e os resultados de aprendizagem esperados. O ensino de L2, em boa parte das escolas públicas, parece perseguir um modelo de tempos passados, em relação às atividades e conteúdos, pois muitos professores ainda utilizam em seus planos de aula o método tradicional, dificultando ainda mais o ensino da disciplina, assumindo um papel de gerador de desinteresse nos alunos.

A pesquisa realizada teve o intuito de investigar o ensino da compreensão oral, a habilidade de *speaking*, nas aulas de inglês na escola pública. Ao discutir os resultados de trabalhos realizados na área, podemos perceber que muitos problemas, tais como falta de materiais didáticos adequados, falta de preparação adequada dos professores e problemas de ordem estrutural afetam o modo como a habilidade de *speaking* vem sendo ensinada. Este trabalho irá contribuir para mostrar um pequeno recorte da realidade do ensino de língua inglesa nas escolas públicas, corroborando uma visão menos tradicional e mais interativa no ensino de língua inglesa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alyne Ferreira de; DIAS, Daise Lilian Fonseca. How to teach listening and speaking: ensinando as habilidades orais em língua inglesa. In: **IV CONEDU**: Congresso Nacional de Educação. Campina Grande: Realize, 2015. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_M D1_SA15_ID4676_10092017165620.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2019.

ARAÚJO, Alyne Ferreira de; DIAS, Daise Lilian Fonseca; LOPES, Francisco Edson de Freitas. Integrando as quatro habilidades linguísticas no ensino de língua inglesa. In: **IV CONEDU**: Congresso Nacional de Educação. Campina Grande: Realize, 2015. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_M D1_SA16_ID4607_14082016134318.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998. 120 p.

BROWN, Douglas H. **Teaching by Principles**: An Interactive Approach to Language Pedagogy. United States of America: Pearson Longman, 2007.

CALLEGARI, Marília Oliveira Vasques. Reflexões sobre o modelo de aquisição de segundas línguas de Stephen Krashen - uma ponte entre a teoria e a prática em sala de aula. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, v. 45, p. 87-101, 2006. Disponível em:

<<https://www.periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639424/7018>>
Acesso em: 16 out. 2019.

GEHRES, W. B. S.; MARZARI, Gabriela Quatrin. Ensino de inglês na escola pública e suas possíveis dificuldades. **Thaumazein**, Santa Maria, v. 7, p. 12-19, 2015. Disponível em: <<https://docplayer.com.br> > 17533711-Ensino-de-ingles-na-escola-publica-e>. Acesso em: 13 out. 2019.

HARMER, Jeremy. **The practice of English Language Teaching**. Excess: Logman, 2007.

JALIL, S. A.; PROCAILO, L. Metodologia de Ensino de Línguas Estrangeiras: perspectivas e reflexões sobre os métodos, abordagens e o pós-método. In: **IX Congresso de Educação - EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia - ESBPp**, 2009, Curitiba. Anais do Congresso Nacional de Educação. Curitiba, PR: Champagnat, 2009. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2044_2145.pdf>. Acesso em: 16 out. 2019.

LIMA, Laís Teixeira; SOUZA, Sonia Maria de Fonseca; LUQUETTI, Eliana Crispim França. O ensino da habilidade oral da língua inglesa nas escolas públicas. **Cadernos do CNLF**, v. XVIII, n. 10, Línguas Clássicas, Textos Clássicos, Línguas Estrangeiras e Tradução. XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2014. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/10/007.pdf>. Acesso em: 05 out. 2019.

MENEZES, Vera. **Somos mestres**. 1 ed. São Paulo: ABDR, 2012.

MILLER, L.(Ed.). **New ways in teaching listening**. Alexandria, Vancouver: Tesol, 1995.

NUNAN, David. **Task-based Language Teaching**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.

SILVA, Salete; CALVO, Luciana. Oralidade em língua inglesa na escola pública: Desafio para ser discutido e enfrentado. In: PARANÁ (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2013**. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_port_artigo_serli_rech_moleta.pdf>. Acesso em: 08 set. 2019.

VASSEUR, Marie-Therese (Org.). **Aquisição da linguagem**: uma abordagem psicolinguística. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.